

REENCONTRO
literatura

José de Alencar

O guarani

Adaptação de

Renata Pallottini

Ilustrações de

Cecília Iwashita



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Ângelo Alexandref Stefanovits

Assistência editorial
Dulce S. Seabra

Revisão
Daniela Bessa Puccini,
Andréa Vidal e
Thiago Barbalho

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes

Diagramação
Marcos Dorado dos Santos



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP
CEP 05425-902

Atendimento ao cliente:
(0xx11) 4003-3061

www.aticascipione.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

2017

ISBN 978-85-262-4727-7 – AL

Cód. do livro CL: 734018

CAE: 223053

2.^a EDIÇÃO

15.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Conforme a nova ortografia da língua portuguesa.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alencar, José de, 1829-1877

O guarani / José de Alencar; adaptação de Renata Pallottini; ilustrações de Cecília Iwashita. – São Paulo: Scipione, 1999. (Série Reencontro literaria)

1. Romance brasileiro I. Pallottini, Renata. II. Iwashita, Cecília. III. Título. IV. Série.

99-0314

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

Nota da adaptadora	4
<i>Quem foi José de Alencar?</i>	5
O aventureiro	6
A comitiva	10
Peri	12
O banho no rio	16
A imprudência	18
Álvaro	21
Cecília	25
Revelação	28
A conspiração	32
Vilania	35
Explicação	38
Planos de defesa	40
O amor de Isabel	46
Em busca de socorro	48
Traição	50
O acerto de contas	55
D. Antônio	59
A defesa	61
Combate	64
O resgate	66
O sacrifício	69
O amor	71
Justiça	74
Isabel e Álvaro	76
O futuro	79
A salvação	83
<i>Quem é Renata Pallottini?</i>	88

NOTA DA ADAPTADORA

O guarani foi, talvez, a primeira obra escrita para adultos que eu pude ler. Do prazer que essa leitura me deu ainda guardo lembranças, mas sou obrigada a reconhecer que tive algumas dificuldades. As descrições eram longas, o tratamento do tempo era complicado: marcas do romantismo que José de Alencar, um dos seus expoentes, tinha de respeitar e que correspondiam ao estilo da época.

Facilitar essa leitura e esse prazer foi o meu maior objetivo; sempre se espera que, ao ler uma adaptação, seja de ficção para teatro, para cinema, para televisão, seja simplesmente uma “re-escrita”, o leitor vá, um dia, procurar o original, para assegurar-se de como era o modo de escrever do autor primitivo, que é bom conhecer, a seu tempo. Espero ter facilitado a leitura de *O guarani* para os jovens, sem ter sacrificado a qualidade do primeiro texto.

Renata Pallottini

QUEM FOI JOSÉ DE ALENCAR?

José Martiniano de Alencar nasceu no dia 1.º de maio de 1829, em Mecejana, Ceará. Filho de político influente, passou a morar, com seus pais, no Rio de Janeiro, em 1838. Fez o curso de Direito, que iniciou e concluiu na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, com passagens pela Faculdade de Olinda, Pernambuco. Começou no jornalismo em 1854 e, dois anos depois, estreava na ficção com o romance *Cinco minutos*.

Em 1857 lança em livro sua obra mais importante, *O guarani*, anteriormente publicado em folhetim, como era de praxe para romances românticos, naquela época. Também por essa época começou a escrever e ter representadas peças de teatro, das quais a mais conhecida é *O demônio familiar*, obra curiosa que trata alguns dos problemas relacionados com a escravidão negra, assunto também de *Mãe*, outra peça de êxito. Estava agora maduro para a literatura e para a política, tendo sido eleito deputado em 1861.

Os anos seguintes foram de sucesso crescente como escritor. Abandonou a política, que o tinha decepcionado, e se dedicou cada vez mais aos trabalhos literários. *Iracema*, um clássico da prosa indianista, foi publicado em 1865 e seus últimos romances, *Senhora* e *O sertanejo*, dez anos depois.

Morreu no Rio de Janeiro em 1877, já considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

O aventureiro

Corria o ano de 1603, começo do século XVII; o Brasil era ainda uma colônia de Portugal, e para cá os portugueses mandavam seus representantes, a fim de governar a nova terra descoberta, e também soldados, capitães e chefes, para defendê-la.

As riquezas do novo mundo atraíam todo o tipo de aventureiros da Europa, que vinham em busca de ouro e fortuna. Também chegavam ao Brasil, depois de longas e arriscadas viagens de navio, padres de várias ordens religiosas, para expandir a religião e converter os índios.

Por essa época, havia chegado ao Convento dos Carmelitas, no Rio de Janeiro, um certo Frei Ângelo di Luca, como missionário. Logo depois, por seus méritos de religioso, tinha sido enviado à região montanhosa vizinha ao Rio, com o objetivo de ali exercer sua missão.

E é nesse lugar, numa noite de tempestade do ano de 1603, que vamos encontrar Frei Ângelo, num pouso rústico da serra, feito para abrigar os viajantes de passagem. Nesse lugar estavam três homens: o frade, encostado a uma coluna de madeira, Fernão Aines, aventureiro português, que contemplava os avanços da tempestade, e Mestre Nunes, deitado numa rede estendida entre os caibros que sustentavam o alpendre.

– Vais partir esta noite, Fernão Aines? – perguntou Mestre Nunes.

– Vou.

– Não tens medo da tempestade?

– Eu zombo da tempestade!

– No entanto, os maus devem temer o fogo do inferno – disse Frei Ângelo, solenemente. – A estes, nenhum abrigo salva!

– Mau? Quem diz que sou mau? Tenho vivido conforme as ordens de Deus e de sua Santa Igreja! – disse Fernão Aines, rindo-se de maneira sarcástica.

– Sabe-o Deus, então – comentou o frade, dubitativo.

A tempestade se incrementava. Os ventos poderosos que às vezes sopram nos trópicos eram assustadores. A natureza se mostrava em toda a sua força ameaçadora.

No instante em que os homens ainda se riam das palavras trocadas, um raio caiu perto do abrigo e fendeu um imenso cedro que havia defronte do pouso. Uma parte, queimada, caiu sobre o alpendre e veio atingir exatamente a Fernão Aines, atirando-o para o fundo. Os outros dois correram para ajudá-lo. Era inútil, no entanto; a parte derrubada da árvore atingira em cheio o peito do homem. Nada mais se poderia fazer.

Fernão Aines, ferido de morte, teve tempo apenas para pedir ao religioso que o ouvisse em confissão, enquanto Mestre Nunes se afastava. Arquejante, quase sem voz, murmurou:

– Fui castigado pelo céu. Há tempos, no Rio de Janeiro, roubei de um parente meu um mapa das minas de prata de Robério Dias, que ficam na Bahia e são as maiores desta terra. Matei esse parente e fugi com o mapa...

O homem estava morrendo. O frade debruçou-se sobre ele, ansioso por saber tudo:

– Que mais me queres dizer, Fernão?

– Que me faças a caridade de entregar o mapa à viúva de seu dono, Robério Dias...

A cobiça iluminava os olhos de Frei Ângelo:

– Onde está o mapa?

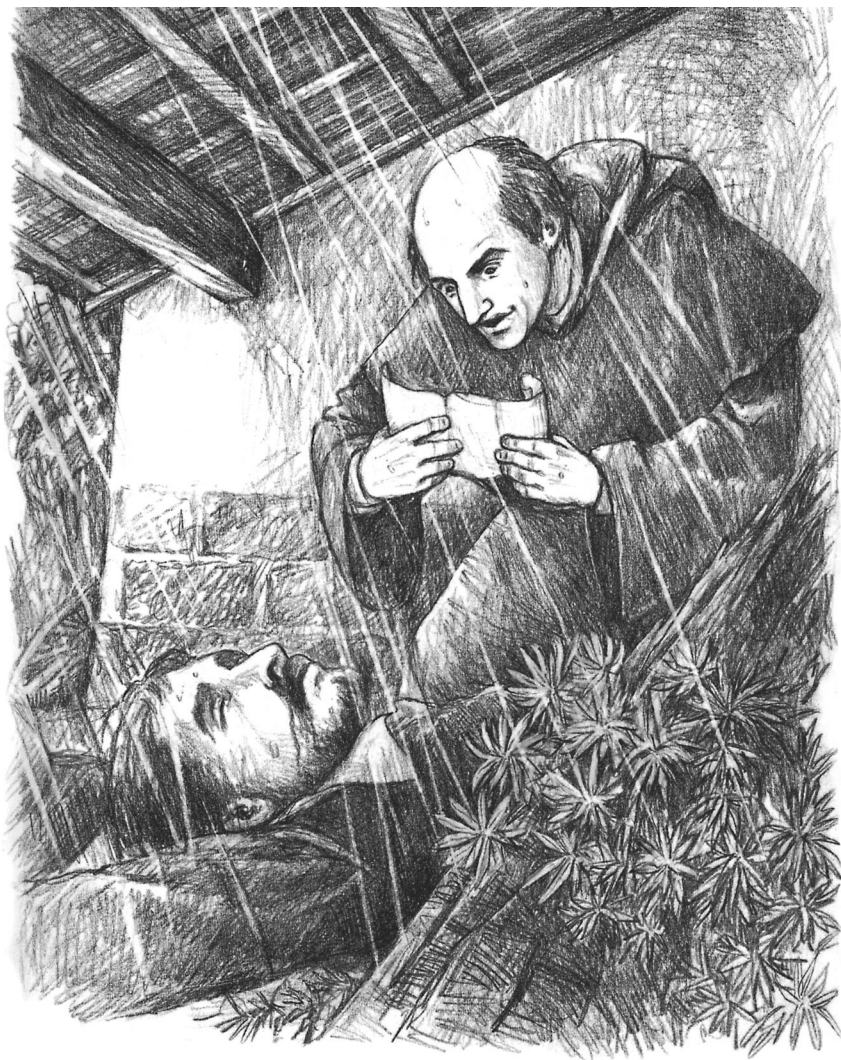
– Nessa... nessa... cruz!

Frei Ângelo saltou sobre a cruz de madeira que estava na cabeceira do moribundo e, sem nenhum escrúpulo pelo

caráter sagrado do objeto, quebrou-o contra o joelho. Fernão Aines ainda clamava por ajuda:

– Ouve-me, frei...

Mas o frade não o ouvia, preocupado apenas com o achado. Leu os dizeres do mapa sem se importar com a agonia de Fernão. Quando se deu conta, o homem tinha morrido.



Levantando-se agilmente, Frei Ângelo dirigiu-se a Nunes, que se aproximava, depois de ter respeitado a confissão:

– Está morto, pobre homem!

– Deus tenha a sua alma!

– Preciso cumprir o seu último desejo. Mestre Nunes, eu te peço: quando voltares ao Rio, leva ao prior do meu Convento a notícia de que precisei internar-me nesses matos para cumprir uma missão sagrada.

– Assim será, Frei Ângelo!

Frei Ângelo di Luca despiu o cadáver, envolvendo-o com a mortalha; depois, os dois homens o enterraram. Em seguida, metendo todos os bens do morto em um saco de viagem, o frade afastou-se de Mestre Nunes e da pousada. Pediu auxílio a um índio das redondezas, seu conhecido, a quem vinha catequizando. Com a ajuda do índio, enterrou o mapa da mina e suas roupas de frade. Enquanto amanhecia, vestiu as roupas do morto e tratou de modificar sua aparência, para não ser reconhecido. Em seguida, de modo traiçoeiro, assassinou o índio que o ajudara.

Tinha se transformado em Loredano, um aventureiro.

